

Etnologia indígena

Joana Aparecida Fernandes Silva

Doutora em Antropologia Social (Universidade de São Paulo)

Professora da Universidade Federal de Goiás

Goiânia, GO, Brasil

joana@cienciassociais.ufg.br

Marco Antonio Lazarin

Mestre em Antropologia (Universidade de Brasília)

Professor da Universidade Federal de Goiás

Goiânia, GO, Brasil

mlazarin@terra.com.br

A CHAMADA DE TEXTOS PARA A ORGANIZAÇÃO de um dossiê sobre etnologia indígena nos abriu a oportunidade de entrar em contato com trabalhos inéditos que mostram como andam as pesquisas sobre esse tema. Ao final, os textos selecionados evidenciam, mais uma vez, um dado significativo sobre a realidade indígena e também sobre a pesquisa antropológica: de um lado, a reconhecida diversidade cultural com que as sociedades indígenas nos presenteiam e, de outro, a variedade de abordagens que a etnologia indígena proporciona, construída tanto pelas diferentes tradições teóricas como pelo viés de seus pesquisadores. Não que, em qualquer momento, esses dois lados sejam vistos por nós ou pelos autores como isolados. Ao contrário, é de seu encontro que podemos observar a emergência de ricas etnografias, aqui apresentadas sob a forma de artigos.

Todavia, da mesma forma que os artigos selecionados nos apresentam uma grande variedade cultural e regional e, ainda, uma diversidade de tópicos etnográficos, há que se assinalar uma característica comum entre todos eles: na melhor tradição da etnologia indígena brasileira, a importância do contato desses grupos indígenas com as sociedades nacionais e regionais envolvidas na viva reelaboração de suas tradições, na absorção do dinheiro pelos Cinta-Larga (João Dal Poz Neto), na representação do território entre os Karitiana (F. V. Velden), na afirmação da identidade entre os Manchineri e os Jaminawa (Rinaldo Aruda), nas contingências da estrutura social Xerente (Ivo Shroeder), na concepção de pessoa entre os Apiaká (G. Tempestá) e na elaboração de materiais didáticos entre grupos de diferentes regiões no Brasil (I. Scaramuzzi). Na mesma linha de preocupação com o contato interétnico e suas representações, o artigo de A. Escobar Ohmstedte apresenta-nos, a partir da análise de discursos do século XIX, o argumento de que há que se pensar a formação das nações latino-americanas, não como habitualmente se faz – a partir da comparação com os Estados-nações de outras regiões –, mas sim como caudatários de processos próprios, nos quais, além das influências da coroa espanhola, as articulações das elites regionais e os grupos indígenas tiveram papel importante na forma como essas nações vieram a se tornar o que são. Enfim, índios e não índios, diferentes sim, mas, a partir do contato, interpenetrando-se e influenciando-se continuamente.